



Há vidas que davam uma escola



Jorge Sobrado e Miguel de Castro Neto

In memoriam António Almeida Henriques

Este depoimento está simultaneamente aquém e além de uma exaltação fúnebre de “qualidades pessoais”, que é no discurso político, muitas vezes, o recurso protocolar à falta de virtudes públicas. Dispensa-o António Almeida Henriques, presidente da Câmara Municipal de Viseu, vítima trágica da pandemia neste domingo de Páscoa.

Ele foi um dos intérpretes mais esclarecidos e desassombrados do novo poder local. Quer isto dizer de um poder local moderno – aberto a novas problemáticas sociais, atento às mudanças globais que “ferem” o quotidiano local,

conectado com redes colaborativas e outras escalas de intervenção, sensível às dimensões imateriais do desenvolvimento, numa cultura de governação mais inclusiva e participada.

Não há utilidade, grandeza ou mudança na política sem os seus justos protagonistas. E essa verdade elementar encontra em Almeida Henriques um ator. Ele foi um dos notáveis de uma geração de autarcas sensíveis a um novo tempo, à emergência de novas necessidades, usos e hábitos; novos serviços e empregos; novas oportunidades e também ameaças. O medo de errar em domínios quase inéditos de intervenção nunca o tolheu, ao contrário do que recomendam os manuais da sobrevivência na política, de que sempre prescindiu. O *old school* suscitava-lhe uma reação epidérmica, quase tanto quanto o “taticismo”.

Distinguem a sua ação transformadora, por exemplo, o modo sistemático e quase missionário como abraçou e desenvolveu uma agenda nacional para a inteligência urbana – que, em rigor, vive ainda a sua fase embrionária no país e que, por isso mesmo, precisa do seu apostolado; a prioridade às

peçoas e o lugar preponderante que conferiu à cultura e às artes numa nova visão de cidade; o reconhecimento do estatuto patrimonial e histórico de Viseu e dos seus ativos de identidade local, educação e turismo; a política proativa e voluntariosa de atração de empresas e novas atividades, em setores estratégicos como as tecnologias e a saúde, geradores de empregos mais qualificados e ganhos na qualidade de vida dos cidadãos.

A interrupção precoce da sua vida não



permite ver ainda como se converte uma sementeira num campo produtivo, mas é certo que muitas das sementes desta nova agenda de políticas públicas já não podem senão germinar e, inevitavelmente, frutificar e reproduzir-se.

Uma marca que distingue novas governanças tem que ver com a formação de uma cultura democrática participativa, que Almeida Henriques cultivou de forma seminal em Viseu e divulgou pelo país, com uma liberalidade em relação à abertura e partilha de dados, com vista à gestão mais eficiente, transparente e criativa da cidade como “plataforma” de interações, experiências e serviços.

Há vidas que davam um filme, e outras davam também uma escola. A vida e a obra de Almeida Henriques poderiam muito bem fornecer as bases programáticas de uma nova escola de política. De uma política dirigida, como uma seta, ao coração de um quotidiano humano e do futuro.

Vereador da Cultura do Município de Viseu; subdirector da Nova Information Management School e coordenador da Nova Cidade – Urban Analytics Lab